

Perfil epidemiológico dos casos de esquistossomose no Hospital Universitário Prof. Alberto Antunes

João G. A. B. Guimarães¹ Amanda R. da Silva²; Luanna M. S. Bezerra³; Lealdo R. de A. Filho³; Helio V. dos S. Júnior²; João A. R. Neto¹; João P. A. Santos¹; João V. O. S. Costa¹; Karla R. C. Galindo¹; Kamilla P. Bandeira¹; Karolyne S. B. Araújo¹; Matheus S. B. Ramos¹; Renata C. W. Nobre¹; Renata V. Bittar¹; Thaise S.M. Lima¹; Juliana Arôxa⁴

¹Acadêmico de medicina do Centro Universitário Tiradentes (UNIT), 57052705, Maceió, AL, Brasil. E-mail: jgguimaraes96@gmail.com.; ²Acadêmico de medicina da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL); ³Acadêmico de medicina da Universidade Federal de Alagoas (UFAL); ⁴Professora Mestra do curso de medicina da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL). E-mail: juaroxa@hotmail.com

A esquistossomose é uma doença parasitária, causada pelo trematódeo *Schistosoma mansoni*. No ciclo de transmissão desse verme são essenciais coleções hídricas e caramujos aquáticos do gênero *Biomphalaria*, para que, as formas infectantes entrem em contato com a pele e mucosas do homem, e desencadeiem formas clínicas desde assintomática, até formas graves, podendo levar a óbito (REY, 2008). Segundo dados da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), através do Programa de Controle da Esquistossomose em Alagoas, 60% do território alagoano é área endêmica e mais de dois milhões de indivíduos estão expostos à infecção. O objetivo do trabalho é avaliar a frequência dos casos de esquistossomose no Hospital Universitário Prof. Alberto Antunes entre os anos de 2013 a 2016 e ressaltar a importância desta hipótese diagnóstica, visto que nos casos relatados, verificou-se que mesmo estando em uma região endêmica para esquistossomose, não houve hipótese clínica para este diagnóstico em nenhum dos casos relatados. Usou-se um estudo transversal, retrospectivo e analítico. Os dados foram obtidos a partir de prontuários do período estudado na Unidade de Laboratório de Anatomia Patológica do Hospital. Entre o perfil de casos positivos para esquistossomose (14 casos), observou-se uma maioria de indivíduos do sexo masculino (64%) e a faixa etária dos casos é de 30 a 40 anos (64%), sendo que 42% dos diagnósticos ocorreram em 2014 e o restante nos demais anos. Houve predomínio dos casos no interior do estado de Alagoas. Quanto às análises das biópsias de esquistossomose, 28,5% foi considerado de esquistossomose intestinal, 64,2% esquistossomose hepatoesplênica e 7% esquistossomose cutânea, sendo esta forma uma apresentação rara de difícil diagnóstico clínico. Conclui-se então, que é necessário incluir a hipótese de esquistossomose mansônica nos diagnósticos diferenciais de pacientes que residem no estado de Alagoas.

Palavras chaves: epidemiologia, parasitismo, esquistossomose.